

***L'Etrange Defaite* de Marc Bloch:**

O Historiador diante da Guerra*

Eduardo Mei

Resumo:

Nosso propósito é analisar o testemunho de Marc Bloch sobre a derrota francesa perante o Exército alemão em 1940. Com a derrota francesa e a instauração do regime de Vichy, poucas opções restaram a franco-judeus como Bloch. Em outubro de 1940, é impedido por decretos do regime de Vichy de lecionar. Em 1943, engaja-se na Resistência Francesa em Lyon. Em 8 de março de 1944 ele é capturado pela Gestapo e, em 16 de junho, é fuzilado. O depoimento de Bloch escrito logo após a derrota só pôde ser publicado postumamente. Interessa-nos neste trabalho examinar a análise que Bloch faz da derrota francesa e como ele examina acontecimentos tão próximos e dramáticos. A crítica que a escola dos Annales empreendia à *histoire événementielle*, à história da política e das guerras em particular, confere um interesse adicional a essa reflexão: como ser objetivo diante de acontecimentos que nos envolvem e exigem nosso engajamento?

Palavras-chaves: Segunda Guerra Mundial; França; Alemanha; Nazismo; Marc Bloch.

Marc Bloch nasceu em 1886 e recebeu a agregação de História em 1908. Serviu no exército francês durante a Primeira Guerra Mundial, iniciando-a como sargento de infantaria e terminando como capitão, tendo sido inclusive condecorado com a cruz de guerra. Em 24 de agosto de 1939, não obstante a idade e suas obrigações familiares (tinha seis filhos), foi mobilizado, a seu pedido, como capitão de estado-maior. Durante a guerra, torna-se o responsável pelo armazenamento, transporte e distribuição de combustível. Nos últimos dias da batalha de Flandres, cruzou o canal da Mancha para não se render ao exército invasor. Após o armistício de 2 de julho de 1940, ele se transfere para a zona não ocupada, fazendo-se passar por civil. Quando os alemães invadem a zona livre, Bloch é obrigado a refugiar-se em uma casa de campo que ele possuía em Fougères. Depois, em Clermont-Ferrand, ele entra em contato com os primeiros grupos locais de resistência. Em 1943, ele entra

* Texto apresentado no XXIII Simpósio Nacional de História da Anpuh, realizado em Londrina – PR, em julho de 2005.

completamente na clandestinidade. Em 8 de março de 1944 ele é capturado e torturado pela Gestapo. Em 16 de junho de 1944 ele é fuzilado juntamente com outros prisioneiros.¹

Entre julho e setembro de 1940, Marc Bloch redigiu *L'Étrange défaite*, seu testemunho ocular da derrota francesa perante os alemães que culminou no governo de Vichy. O texto que Bloch definiu como “procès-verbal de l’an 1940” foi publicado pela primeira vez em 1946. Embora em nenhum momento evoque a sua condição de judeu, ele tinha nítida clareza da perseguição que os alemães empreenderiam contra ele e os seus. Por isso, o fato de alistar-se em 1939 e depois combater na resistência foi uma demonstração de firme coragem e amor à pátria. Como Bloch notara em artigo publicado clandestinamente em julho de 1943, seu patriotismo era a evidente contrapartida do seu republicanismo. Com efeito, ele observa que, desde a Revolução Francesa, formou-se na França uma classe aristocrática interessada em manter seus privilégios e propensa a ver na invasão da França a ocasião de restabelecê-los juntamente com a restauração da monarquia. Em suas palavras:

Assim, formou-se na França um partido hostil a todo curso da história da França, partido sem cessar vencido e que, exasperado por suas derrotas, tomou pouco a pouco o hábito de pensar e sentir contra a nação, a ponto de não esperar outros sucessos que os desastres da França. Desde 1814 e 1815, ele saudou na invasão estrangeira a ocasião de restabelecer a monarquia e a ordem social que ela simbolizava para ele, e se esforçava, por conseguinte, para sustentar essa ordem por uma política tão diretamente contrária à opinião que três dias bastavam para derrubar a monarquia restaurada, sem que ninguém em todo o país se levantasse para defendê-la.²

Por outro lado, a libertação nacional só poderia ser conquistada como uma obra da República. Foi assim em 1793, 1870, de 1914 a 1918, e também a resistência francesa de 1939 a 1943 era obra sua:

A República aparece aos franceses como o regime de todos, ela é a grande idéia que em todas as causas nacionais exaltou os sentimentos do povo. (...) A República é o regime do povo. O povo que libertará a si mesmo e pelo esforço comum de todos não poderá preservar sua liberdade senão pela vigilância contínua de todos.

¹ Um brevíssimo resumo biográfico pode ser encontrado em nota biográfica à edição de *Estranha Derrota*. CF. Marc Bloch, *L'Étrange défaite*. Paris: Gallimard, 1940 e no sítio dedicado a Marc Bloch: <<http://www.marcbloch.fr/>>

² Marc Bloch, "Porquoi je suis républicain", publicado originalmente em *Les Cahiers politiques*, órgão clandestino do C.G.E. (Comité général d'études de la Résistance), nº 2, juillet 1943, p. 9, "Réponse de un Historien". Reproduzido em Marc Bloch, *L'Étrange défaite*, *op. cit.* p. 218.

Assim, como francês de origem judia, totalmente assimilado, sem nenhum sentimento religioso, Bloch fará um retrato agudo e melancólico do desastre que se abateu sobre a França. Primeiramente, nota que o exército francês não estava preparado para enfrentar o exército invasor. Houve um evidente problema de comando que Bloch tratará de descrever. Bloch nota que os chefes militares franceses não souberam pensar a guerra de 1939-40: a vitória militar alemã foi, sobretudo, uma vitória intelectual. Em grande medida, isso se deve à não compreensão do impacto da revolução técnica nos meios de transporte e comunicação: "desde o início do século XX, a noção de distância mudou radicalmente de valor. (...) Os alemães fizeram uma guerra de hoje, sob o signo da rapidez. Nós apenas tentamos fazê-la, por nossa parte, uma guerra da véspera ou da antevéspera".³ A rapidez imprimida pelos alemães à guerra provocou um caos no exército francês. O alto-comando pregava dogmaticamente a superioridade da guerra defensiva; acreditava que a linha Maginot era inexpugnável.⁴ Ora, preparado para uma guerra defensiva, extremamente lenta, o exército francês foi fortemente abalado pelo rápido avanço alemão:

*Os alemães, simplesmente, avançavam mais rapidamente do que parecia conforma à boa regra. (...) [Assim,] uma única chance de salvação subsistia: depois de se "retirar", restabelecer uma nova linha de defesa, suficientemente recuada, para não ser aniquilada antes mesmo de ser guarnecida.*⁵

Os alemães cortaram as linhas de comunicações francesas, desorganizaram sua defesa e abalaram o seu moral. Como notou Fuller,

*Era o emprego da mobilidade como arma secreta, não para matar, mas para deslocar; não deslocar para matar, mas para aterrorizar, desorientar confundir, causar consternação, dúvida e confusão na retaguarda do inimigo, que o rumor público ampliaria até que o pânico fosse monstruoso. Em resumo, seu objetivo era paralisar não somente o comando inimigo, mas também seu governo, e tal paralisação estaria na razão direta da velocidade.*⁶

O relato de Bloch mostra claramente a desorganização que se instalara no exército francês. Todavia, em grande medida o caos se deve ao próprio dogmatismo do alto-

³ M. Bloch, *L'Etrange defaite*, op. cit. pp. 66-7.

⁴ *Idem*, *ibidem*, p.83.

⁵ *Idem*, *ibidem*, p.68.

⁶ John Frederick Charles Fuller, *A conduta da guerra*. [Tradução de Hermann Bergqvist]. RJ: Bibliex, 2002, p.245.

comando militar francês. Tendo apostado tudo numa guerra defensiva, o exército francês descurara do serviço de informações. Como observa Bloch:

*Que nossos chefes tenham conhecido sempre imperfeitamente suas [do inimigo] verdadeiras intenções e, pior ainda talvez, suas possibilidades materiais, a má organização de nossos serviços de informação basta para explicar.*⁷

O exército francês não estava preparado para a extrema mobilidade do exército alemão, de modo que os blindados do inimigo constantemente surpreendiam os franceses. De fato, exclama Bloch: "essa guerra foi feita portanto de perpétuas surpresas".⁸ E tais surpresas tiveram um enorme impacto sobre o moral do exército francês. Do mesmo modo, os bombardeios aéreos eram utilizados pelos alemães mais para provocar o pânico entre os franceses do que como arma de ataque: "Certamente, o ataque aéreo tal como os alemães o praticaram com tanto brio, atestava um conhecimento muito premente da sensibilidade nervosa e dos meios de abalá-la".⁹ Assim, Bloch atribui a derrota ao fato de os franceses "pensarem em atraso".¹⁰ Os alemães atacavam os pontos de menor resistência: diante de uma defesa bem organizada, eles escolhiam entre múltiplas possibilidades a manobra apropriada, ou, em outras palavras, aplicavam à tática os princípios da mobilidade, "acreditavam na ação e no imprevisto". Enquanto os franceses depositaram sua fé "na imobilidade e no já feito".¹¹

Esse contraste entre mobilidade e imobilidade se traduzia também na própria organização do exército. Bloch observa como os estados-maiores do exército eram meticulosamente organizados. "As fórmulas de estilo obedeciam a uma tradição rigorosa"; dados diversos eram diariamente registrados nas tabelas; "os dossiês eram cuidadosamente classificados". Em suma: "a forma burocrática da ordem".¹² E, todavia, esse exagero de ordem quando se traduzia em ordens a serem executadas davam uma "incontestável impressão de desordem". E isso porque: "... a ordem estática do escritório é, sob muitos

⁷ M. Bloch, *op. cit.*, p. 75.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 78.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 84.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 78.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 79.

¹² *Idem, ibidem*, pp. 88-89.

aspectos, a antítese da ordem, ativa e perpetuamente inventiva, que exige o movimento".¹³ Assim, Bloch arremata: "a boa ordem da qual éramos tão orgulhosos era adquirida apenas ao preço de uma grande lentidão".¹⁴ Diante dessas considerações, parecia óbvio a Bloch que o contraste entre as vantagens de um exército invasor ágil, rápido e dinâmico perante um exército francês lento e esclerosado selara a derrota da França em 1940. Daí sua indagação:

*A campanha do norte, com sua duras lições, lograria ao menos convencer nossos chefes de que o ritmo da guerra havia mudado? A resposta será dada pela história das últimas convulsões nas quais debateram os fragmentos de exércitos que escaparam do desastre em Flandres.*¹⁵

Porém, a análise de Bloch não se interrompe nas deficiências do aparelho militar francês. Era preciso examinar o ambiente social e político em que o exército atuara: "Os estados-maiores trabalharam com os instrumentos que o país lhes ofereceu".¹⁶ Primeiramente, ele tece críticas à desinformação do povo francês, insuficientemente esclarecido sobre as intenções dos alemães,¹⁷ Em seguida à precária mobilização, que, em sua opinião, não devia excluir nem as mulheres.¹⁸ Ora, nesses fatos, a alta burguesia e as elites sindicais tinham sua culpa, pois ambas compunham as classes dirigentes.¹⁹ As indústrias de armamentos não fabricaram carros de combates, aviões ou motores suficientes. Desde engenheiros até os operários esqueceram que tinham "a sua maneira, postos de soldados".²⁰ Os motivos desse desprezo pelos interesses nacionais eram muitos, e entre eles Bloch destaca a propaganda oficial, "seu irritante e grosseiro otimismo".²¹ As elites sindicais, por sua vez, colocavam os interesses de classe acima dos nacionais, esquecendo-se que a "vitória dos regimes autoritários não podiam deixar de levar à servidão quase total de nossos operários".²² E a alta burguesia não tinha interesse em esclarecer os

¹³ *Idem, ibidem*, p. 90-1.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 91.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 72.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 159.

¹⁷ *Idem, ibidem*, pp. 161-2.

¹⁸ *Idem, ibidem*, pp. 163-4.

¹⁹ *Idem, ibidem*, pp. 168 e ss.

²⁰ *Idem, ibidem*, pp. 168 e ss.

²¹ *Idem, ibidem*, pp. 170 e ss.

²² *Idem, ibidem*, p. 174.

camponeses e cidadãos dos assuntos internacionais, sendo ela mesma desinformada.²³ Em suma, toda a França estava dividida, desinformada e contaminada por um temerário pacifismo que mais se assemelhava à covardia. E nesse ambiente formou-se o dogmatismo defensivo dos estados-maiores.

É sugestivo a esse respeito o livro *Une invasion est-elle encore possible?*, publicado pelo editor militar Berger-Levrault e assinado pelo general Chauvineau. A seu respeito Bloch faz uma severa resenha, não poupando críticas ao seu “dogmatismo”.²⁴ A obra de Chauvineau foi publicada em 1938 e reeditada em 1940 e refletia o estado de espírito dos dirigentes do exército francês. É sugestivo a esse respeito o fato de ser prefaciado pelo general Pétain. Chauvineau tece várias críticas a Foch e Joffre com o intuito de exaltar Pétain. Surpreendentemente, às vésperas da invasão alemã, Chauvineau, segundo Bloch, acredita “... que a técnica moderna permite, combinando a fortificação e a potência de fogo, edificar sobre não importa qual linha do território defesas infranqueáveis ao longo de um *front* contínuo”.²⁵ A exaltação da defensiva era a contrapartida do desprezo pela ofensiva. Assim, lê-se nessa impressionante obra: “Quanto aos carros que deviam nos levar às guerras curtas, sua deficiência é espantosa”.²⁶ Do mesmo modo Chauvineau não via futuro na aviação. Todavia, o general francês não se limitava a discorrer sobre problemas estritamente militares. Como nota Bloch, “O princípio dos *fronts* contínuos e infranqueáveis permite, com efeito, ao general Chauvineau demolir toda a política externa francesa e construir uma inteiramente nova”.²⁷ Assim, Chauvineau critica a Sociedade das Nações que seria um mecanismo ineficaz de evitar as guerras, e vê nos pactos de segurança coletiva o risco de guerras de coalizão. Despreza o auxílio que um país tão distante como os EUA poderiam prestar aos europeus. Em suma, é notável que o marechal

²³ *Idem, ibidem*, pp. 178 e ss.

²⁴ M. Bloch, “A propos d'un livre trop peu connu”, publicado originalmente em *Les Cahiers politiques*, nº 8 (na realidade 6), abril 1944. Reproduzido em Marc Bloch, *L'Etrange défaite*, *op. cit.* p. 243-53.

²⁵ *Idem, ibidem*, p.248.

²⁶ *Idem, ibidem*, p.248.

²⁷ *Idem, ibidem*, p.250.

Pétain tenha assinado uma obra de tal calibre. Não podemos deixar de ver nela a crônica da derrota anunciada.